

Posta Restante

Leopoldo Comitti

Ao destinatário

I was warned

(Robert Cray)

Avertência

O primeiro contato

Com o cheiro da morte:

Cravos brancos podres

Na velha lata de lixo.

As especiarias do prato,
Todas e tudo em acórdão
Com os sustos e lapsos
Subitamente preenchidos
Por facas, garfos, ossos.

Guardanapos.

Uma colher derrama
A cicuta dos silêncios.
E o jantar transcorre
Entre palavras entre
Cortadas.

O quarto encanto

Se faz de letras

No quarto canto

Da parede seca.

Luz na contraluz,

Mediânica e longa,

Estende-se em fios.

Produz engenhos

Formas mecânicas,

Suaves correntezas

De papel e espelhos.

2

A espuma sabe a sombra

tátil que cobre corpos.

Desprege-se de um dorso lento

entre dedos

e desprende-se em força a fome,

no movimento veloz da mordida.

2

Cantares e borbulhas

de jatos em ritornelos:

olhos ardentes vêem contornos,

rendilhados frouxos

sobre pêlos.

3

Cachoeiras artificiais

brotam rápidas

sobre faces sóbrias,

faces-risos, faces-traços

em banhos dispersivos.

Estranhamente

ordenam o caos.

4

A cidade se estende
em portos e portas
abertas para o nada.

Edifícios-livros
espreitam algo,
ou páginas inábeis
imprimem textos
nas mãos espalmadas
sobre o sol.

5

No azul da noite

sem vergonha

a nuvem se fez prenge.

Chove tão chuva agora.

Chove no papel. E só.

6

Colorida e virtual sobre
o cartão, a cidade envelhece.

Rápida, no papel que resta
do cromo perfeito,
desejo e brevidade postam-se
perfeitamente congelados.

7

Em fogo brando
codornas queimam.

Delicadamente,
deliberadamente,

Sem molho branco
ou pressa.

Nas grades da janela
uma vela entre talheres
devora o morro lento.

8

Mesa redonda e porcelanas

em tempero e rendas.

Uma velha imagem passa do ponto,

esquecida no forno

que ainda marca o tempo exato

de um anúncio de cigarros.

9

A mão descreveu no relógio
o momento torto dos ponteiros.

Insólito.

No ar pendura-se um minuto
uivando feito um cão.

Será lua cheia
ou hora inteira desdobrada,
guardanapo branco
intocado sobre a mesa?

10

Puro mato

na razão da manhã.

Fica nas mãos

um gesto de terra e planta.

Um cheiro.

Nem perpétua,

sequer saudade.

Talvez um filme de recortes

ainda não revelado.

11

A vista aérea lembra
uma guilhotina que cai.
Nem ira ou ódio,
apenas uma vidraça
que solta o gume
sem olhar lâmina ou rosto.

12

Haverá matéria orgânica

nos gestos virtuais do sexo?

Talvez uma vespa passeie no pólen.

Certamente não haverá mel.

13

A luz unilateral

ilumina só e apenas

metade do morro árido.

Banalidade da árvore

que tecendo silhueta

projeta escura face bipartida.

14

Um rosto nítido contra a sombra
Na luz, destaca a máscara sóbria
Do riso. Que dirão as espumas
no bolero, fuga ou prelúdio do mar?

15

Nada será turvo nesta manhã
estranha. Ou toque de um gesto lento
como leque fechado de uma gueixa,
talvez qual engano dos véus da fala
De uma cigana falsa.

16

As ruas caminham drummondianamente
pelo mundo que imóvel observa.

Só as estradas caminham pelos séculos
indiferentes aos homens que, minúsculos,
são inaudíveis aos ponteiros do relógio.

17

Vento há, e também chuva
sob a capa plástica de camelô.
Vemos um Cristo Redentor
Nublado, distorcido e líquido.
Na água, uma impossibilidade:
a impermeabilidade de Cronos,
arrepanhado no cromo velho.

Não veja, não creia:
tudo é demasiadamente
Claro e oblíquo,
circunstancial e descartável.

18

Ícaro sem sol:

nem assim vôa uma asa

na lente plana da foto

aérea. Tonta de nuvens.

19

Nada há de torto

no tordo que não conheço

ou no ar do corvo que não ouvi.

Apenas vento enclausurado

no claro-escuro do enquadramento

perfeito de uma banca de jornais.

29

Para Elizabeth Bishop

Pelas grades da janela aberta
uma nuvem despenca pesadamente
pela cerâmica da cozinha.

Fluida, a montanha escorre
solenemente a meus pés.

Quaresmas ou quaresmeiras
dormem espetadas no ar
como um caranguejo belo
no fundo rústico da piscina.

21

O pedreiro molda a casa

como quem costura um terno.

Nos detalhes doloridos de cada ponto

espeta.

Pontas de agulha expõem a gala

da maturidade

em tesouras cruas.

22

Estrangeiro.

Meio incógnito percorro

esse país interno

de vielas barrocas.

Telhas vãs.

23

Um rio rola imundo
no leito profano das horas.

Não há pontas.
apenas fios soltos
de ponteiros semi-exatos.

24

O céu despenca do bonde
em corrida líquida e aérea.

Na foto, o sobressalto da vertigem
ou imagem imóvel de pés e medos.

25

O turista sob a chuva
nos olha em capas plásticas.
Patética foto borrada.
Entre salpicos
de vista míope revela
um foco incerto.

26

De permeio um sobrado.

Um obturador obtuso

gravou o farfalhar da chuva

sobre o capuz de uma aquarela

que se dissolve.

27

Uma espuma de cerveja

Estremece num bolero.

Bamboleante vende bugigangas

Ao turista incauto.

28

O mendigo sorri desdentado.

No vão entre os caninos

corre o metrô e fixa a foto.

para o *flash* da praia suja.

29

A flor circumspecta na redoma
rompeu o vidro
e transbordou abundante e pleonástica
em bromélias aquáticas.

Uma bruma de maresia
quer do eterno o circular volteio
de polvos e pernas.
Talvez tentáculos.

Moluscos e corais ferem braços
entre secreções elásticas
que a corrente fixa.

No retorno da espuma
o mar espera um movimento
que não se desgrude da areia.

30

Sombras de árvores tortas

absorvem

o redondo da lua cheia.

Um copo se quebra e entorna

o dia

sobre a toalha ainda branca.

31

Enxurradas de pingos:

Sorry Redentor!

Um rosto interrogativo

(não seu)

viaja imóvel no tempo.

32

A floricultura

mastiga uma biblioteca,
um virtual edifício de livros.

Apartamentos pintados.

Entre cânones e gritos

Fotografamos paladares.

33

Cabelos pingentes
na cama se enrolam
entre
suores de espuma.
Fios ingênuos
de proposta aceita.

34

Gélida paz na goteira
desperta antecedentes do sono.

Insônia de grilo e chuva
provoca a ânsia do sempre
e novo. Noite velha:
a água impura e mesma
adormece nos lençóis da calçada.

35

Das aparas das fibras

Um corpo se faz,

Contido pela pele

Que retém o pulso

Fora do corpo ausente.

36

A cidade histórica dorme
Num cansaço envelhecido.
Num quadro chuvoso
De tintas brumas a solidez
Da Sé escorrega pela moldura.

37

A janela em plenilúnio

Deceitou o topo da montanha.

Uma guilhotina quadriculada

Em madeira e vidro lança

Sobre a luz baça do sonho

O verniz impossível de um junho.

38

Laqueada, a cidade brinca
Em seu estojo de cedro e cinzas.
No sereno aguarda. Talvez a foto fria
Em sépia ou sombra. Espera o cupim,
Ou anjo que sobre a taipa esfarele
Uma poesia inútil. Poeira de palavras
Que espalhe guirlandas pelo céu azul.

39

Rodas devoram o passado

Na noite abúlica dos paralelepípedos.

Algo triste de um ribeirão-serpente

Entorna a vereda pelo barro dos muros

Em largos jorros de lajedos líricos.

40

Os frontões sacros repetem

A retórica muda do casario.

Entre janelas e balaústres

Telhas adernadas derretem argila

Pelas frestas empenadas das portas.

Cansado, o dia tagarela

Recosta a fronte na serra.

41

A dor do umbral

Na hora turva

Toma a palma espectral

Do sangue escrito.

Retalhos líquidos

Correm nas linhas

Como riscos finos

Na ardósia fria.

42

A surpresa purpurina
Da rosa fútil dependura-se
Urgente e flácida sobre o ramo
Tosco de um mesmo ar.

Tronco e abismo
equilibram-se na mesma linha
Tênue e sóbria do risco
Abstrato das curvas toscas
Traçadas no vazio

43

Treze de agosto.

Na multidão vadia

Um rosto cobriu a lua.

Na película

Registrou-se

A foto imaginária.

44

Não há sangue no assassinato dos olhos.

No sol chapado, a paisagem/punhal

Estilhaça a palmeira .

45

Falésias rubras

Grudam-se à pele,

Perfuradas por coágulos azuis

De corais dissonantes.

46

O risco da ampulheta

Escreve no mar o tempo:

Maresia escorrida em choro

De algas.

Sobre uma bóia vermelha

Flutuam palavras supérfluas.

47

Um chapéu acende um beco.

Casarões bordejam ruas inexistentes

Por entre concreto e taipa em anacronismo.

Nos óculos da turista cega,

uma luz ecoa azul de Atháide

na guirlanda de sol que ainda passa.

Quase nua.

48

Um cavalo ao fundo.
Depois tapume e caliça
Dos séculos. A crina sobe
E recria o instante:
Microponto
De movimento entre o estrume
E a pedra. Uma janela padece.

O rendilhado turvo de uma foto
Simula cortina sem vento:
Apenas preguiça em anacronismo
Cria a esquina dos séculos.

49

Um carro escorrega pelas pedras

Sem toques ou repiques.

A torre de São Pedro repete o som.

Na carne viva do sino mudo

A cidade morre, e morre ainda.

50

A velhinha de guarda-chuva

E grandes óculos foi atropelada

Pela luz, de um gato estripado no poste.

Ah! Se toda manhã fosse assim!

51

Velas anunciam vozes e vultos.

Na Sexta-feira da paixão,

Um Cristo sangrento penetra no poema

Em rimas gritantes de Verônicas.

52

A Alphonsus de Guimaraens

A máscara branca na cera do tempo

Marca em cinzel seu rosto na pedra.

Mortuário, o granito reverbera

Pelos poros do texto os responsos

De um sino colhido em cipreste.

54

Depois do sonho rançoso
Há um silêncio sem imagens
E a cor da vida escorre pelo céu.

Um gargalo de nuvens devaneia
Em horas incertas e hesita
Inseguro diante do vento austero.

No frio da manhã sem pombas
Um sino ainda bate nos passos
Que tateiam calçadas em botinas velhas.

Depois do sonho, do café e do sonho,
Há um silêncio sem respostas baças.
As imagens do azul Athaíde, sem pompas,
Desabou pelo céu de um simples julho.

55

Um círculo em torno

Do ar inventa a rotina

E circunscreve o tédio.

A mão que traça dissolve

E absolve o calor do dia.

56

O vento ilumina o edifício

Em flores inventadas. Uma janela

Despeja o rio que margeia

Uma avenida. Ali contempla

Sons breves pela rua flácida.

57

O espetáculo da platéia
Tornou-se a viva paisagem
o papel. Entre cigarros
na mesa e cinzeiros sujos
ressurge o espetáculo
não dito e hesitante
de um espanto em teclas.

58

Imagens estranhas povoam

O olhar sobre o mundo, ou o medo

Tão carregado de signos.

O óbvio torna-se uma sombra

Escorregadia e inapreensível

No exílio do papel branco.

58

A morte despencou sobre a folha
Que insiste em não dizer nada.
Nem flores ou montanhas,
Talvez só o lixo nas esquinas
Da cidade turística que o olho atento
Finge não ver, grudado na lâmpada
Que põe fantasmagorias nos edifícios.

60

No abstrato desse quarto

Crescente, quando a luz

Penetra pela fresta funda

Carunchos e cupins comem

O dia, ou talvez a roupa

Liliás no armário. Sacra.

61

Na concretude dessa câmara cheia
A sombra declina pelos raios ruivos.
Abajur cansado?
Cetins e sedas consomem a luz,
Enquanto a árvore rosa inspira
Um recanto de confusão etérea.

62

No tugúrio lúgubre, minguante desejo.
Quinas e esquinas incendeiam a taipa
Antiga. Farelos e lascas permeiam o sol,
Sob a névoa cinza do esgoto desejante.

63

Riachos e ruas esvaziam o procênio

Em cena aberta o spot rumoreja

A mortalha negra. Quase transparente.

A porta de emergência do fictício

Reafirma a possibilidade de negação.

64

Um círculo em torno
Do ar inventa a rotina
E circunscreve o tédio.
A mão traça o calor
De um dia insólito.

65

O vento ilumina o edifício
Em flores só recentemente
Inventadas. Uma janela inútil
Despeja o rio que a margeia
Na avenida. Ali contempla
Sons breves pela rua flácida.

66

A verdade talha a noite
Em vértebras quebradas.
O disco deslocado chia
Em golfadas de sons
E dor nas costas.

67

Dormir.

Esse foi

O mais rápido

E intenso

Dos versos

68

A escuridão era um olho
Que piscava no meio da noite.
Um farol, uma carne branca
Ou a lua meio solta no céu?

Dinamômetro de estrelas
E escuridões sólidas, a lua
Desfaz a pele do escuro,
Ou se desfaz insalubre
Sobre o contraforte claro
E férreo de um morro.

Aqui termina o ciclo.

Viagens em cartão colorido

Impresso em sentidos ocultos

de memória irrazoável:

vivência pública e privada.

Deu no jornal:

A História acabou.

E o que fazer das fotos,

Dos fatos, dos laços,

Dos louros,

Do arcabouço normal

Da vida não catalogada?